

## UMA TEORIA DAS EMOÇÕES NA RECEPÇÃO DAS OBRAS DE ARTE

LUÍSA CAROLINE DA SILVEIRA POGOZELSKI<sup>1</sup>; CLADEMIR LUÍS ARALDI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – luisa\_csp@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Em nosso trabalho apresentaremos a perspectiva do filósofo contemporâneo Nöel Carroll acerca da relação das emoções com as obras de arte. Dialogando com as posições já existentes na história da filosofia, as quais foram pouco abordadas e que somente na contemporaneidade vieram a desdobrar-se em novas discussões, Carroll apontará uma deficiência na maneira com que vemos as obras de arte hoje em dia: quando pensamos sobre elas, nos focamos em seu tema, em seu “sentido”, mas esquecemos de nos perguntar de que maneira as obras se relacionam com nossas emoções (CARROLL, 2003, p. 215).

A partir desta pergunta, desenvolveremos nosso trabalho delineando a proposta de Carroll e opondo-se, conforme a necessidade, às suas teorias contradicentes: ele não deseja rejeitar a abordagem hermenêutica, mas apenas atentar ao que Aristóteles já havia chamado a atenção, a maneira com que as obras engajam nossas emoções não é somente um recurso seu ou uma característica recorrente. Ela é também parte do conteúdo essencial para a resposta trágica, ou seja, para atingir em completo aquilo que a obra pode nos fornecer. Mas de que maneira elas o fazem?

Para esclarecermos o ponto do autor, se mostra necessário diferenciá-lo da posição defendida por Collingwood (1938) de que as emoções que devemos esperar encontrar em uma obra de arte são aquelas emoções pessoais que o autor, em sua criação, precisou esclarecer para si mesmo, de maneira que estas acabem por ser as mesmas emoções sentidas pelo público. Carroll apresenta suas razões para rejeitar teorias que vêm este como o papel das emoções na arte e esclarece que, em sua visão profundamente influenciada por Aristóteles, as emoções são na verdade aquilo que mantém os espectadores/leitores/ouvintes atentos e interessados na obra, tendo (dentre outras funções e formas de envolvimento) o papel de levar os espectadores a certa disposição frente a determinado objeto que, conforme a narrativa segue em andamento, ajuda na compreensão do sentido

necessário de um fato ou do caráter de uma personagem, auxiliando na compreensão do sentido geral da obra:

em grande parte, o que comanda e modela a atenção que o público oferece à obra de arte, o que capacita o público a acompanhar e compreender uma obra de arte, e o que energiza nosso comprometimento em ver a obra de arte narrativa até o momento de sua conclusão é a competência emocional da obra de arte narrativa. (CARROLL, 2003, p.216)

Em seguida o autor esclarece que sua teoria não é uma teoria geral, universalista. Ele não quer explicar a arte **a partir** das emoções, tal como o fazem Collingwood e Tolstói. Carroll parte de outro tipo de teorização<sup>1</sup>, que se compromete apenas em esclarecer de que forma nossas emoções se relacionam com certas obras de arte, em geral as narrativas, que contém histórias sobre relações entre pessoas, pois estas trazem os exemplos mais paradigmáticos e facilitam em específico este estudo (CARROLL, 2003, 279-80). Isto porque ele não defende que toda e qualquer obra de arte suscita algo em nossas emoções. Há aquelas que tratam de assuntos puramente teóricos, como as obras de Frank Stella, para citar um exemplo do autor.

Como pode-se esperar, a teoria de Carroll também entrará em confronto com a de Platão, tendo como base a questão da cognição na arte e na pressuposição de que a razão e a emoção possuem uma relação necessariamente conflituosa, até mesmo de oposição<sup>2</sup>. Diferente do filósofo ateniense, Carroll não parte desta mesma concepção de natureza. Estando distante de uma posição que encare as emoções como ruins em si, ele também levantará a questão acerca de quanto a arte realmente pode nos ensinar, moldar ou até mesmo nos tornar viciados simplesmente por evocar esta ou aquela emoção (o que Platão defende em várias seções de *A República*). Em nosso trabalho, também nos preocuparemos com este ponto, pois Carroll toma a teoria de Platão como um ponto estratégico para dialeticamente nos auxiliar a compor uma melhor teoria acerca das emoções na arte.

---

<sup>1</sup> Nôel Carroll não se compromete em buscar algo como o elemento universal da arte, a fim de atingir uma definição essencialista, pois concorda com algumas das limitações que este empreendimento traz consigo conforme apresentadas por Morris Weitz. Parte desta discussão pode ser encontrada na introdução de *Theories of Art Today* de Nôel Carroll, e a definição de arte de Carroll no primeiro capítulo de *Beyond Aesthetics* e no último capítulo de *Philosophy of Art*, ambos também do autor.

<sup>2</sup> É conhecida a querela entre Platão e Aristóteles acerca do valor da arte, de seu papel, seus efeitos, dentre outras de várias diferenças. Como a base de Carroll é a argumentação aristotélica, ele enfrentará os mesmos argumentos de Platão.

Desta forma, o desenvolvimento deste trabalho culminará no esclarecimento final da proposta de Carroll acerca da relação entre emoções e a arte e de que forma sua noção assenta em pressupostos descritos por Aristóteles na *Poética*, explicando o envolvimento das emoções como um fator fundamental e para o engajamento de nossa atenção e desenvolvimento narrativo das obras de arte.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho trata-se exclusivamente da leitura e interpretação dos textos filosóficos dos autores referidos. Como aqui nos centraremos na posição defendida por Nöel Carroll acerca da relação de nossas emoções com as obras de arte, é necessário aprofundar-se em suas obras com foco em *Beyond Aesthetics: Philosophical Essays* (2001), *The Philosophy of Horror* (1990) e *Art in Three Dimensions* (2010), onde o mesmo aborda o tema e traz aprofundamentos tais como o problema do paradoxo da tragédia, bem como diversos exemplos elucidativos de como se dá a relação entre as emoções e as obras de arte da forma por ele defendida. No desenvolver dos contrapontos, nos voltaremos para as principais obras dos teóricos rivais, como *A República* (1990) de Platão e *Principles of Art* (1938) de Collingwood.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão acerca deste assunto pode ser bastante antiga na filosofia, mas é muito pouco desenvolvida. Neste trabalho buscamos justamente dar atenção a esta área, abordando a incógnita acerca da complexa relação entre a arte e nossas emoções contando com a vantagem sobre as teorias antigas de poder buscar suporte no desenvolvimento teórico de outras áreas tais como a psicologia, a neurociência, a biologia. As soluções canônicas oferecidas, além de escassas, são pouco detalhadas e até mesmo pouco questionadas. É nosso trabalho trazer fôlego à discussão e esclarecer a posição de Carroll a qual, até então, parece possuir fortes vantagens argumentativas frente às outras teorias.

## 4. CONCLUSÕES

A abordagem escolhida é bastante promissora por assentar-se em uma contra-argumentação de posições problemáticas e fornecer inúmeros exemplos práticos que, ao menos em princípio, parecem intuitivamente bastante correspondentes com o processo real que ocorre em nossa recepção das obras de

arte. No entanto, ainda é uma discussão pouco conhecida, tornando iminente sua abordagem, bem como um incessante questionamento de teorias antigas que se mostram há muito insuficientes em responder as diversas questões que o problema levanta.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *A Poética*. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- CARROLL, Nöel. *Art In Three Dimensions*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Beyond Aesthetics Philosophical Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Engaging the Moving Image*. New Haven: Yale University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. GIBSON, John (ed.). *Narrative, Emotion and Insight*. University Park: Penn State University Press, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Philosophy of Art: A Contemporary Introduction*. London: Routledge, 1999.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *The Poetics, Aesthetics and Philosophy of Narrative*. Oxford: Blackwell Publishers, 2009.
- \_\_\_\_\_. *The Philosophy of Horror, or Paradoxes of The Heart*. New York: Routledge 1990.
- \_\_\_\_\_. *The Philosophy of Motion Pictures*. Malden: Blackwell Publishers, 2008.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Theories of Art Today*. Madison: University of Wisconsin Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Theorizing the Moving Image*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- COLLINGWOOD, R.G. *The Principles of Art*. Oxford: Clarendon Press, 1938.
- GAUT, Berys; LOPES, Dominic. *The Routledge Companion to Aesthetics*. London: Routledge, 2001, 2002.
- MCLEISH, Kenneth. *Aristóteles*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.
- PLATÃO. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.